

OS SIGNIFICADOS DA PRÁTICA DO GOALBALL SOB A ÓTICA DE ATLETAS DA MODALIDADE

Amanda Velasco

Universidade Federal do Paraná
amandavelasco.18@gmail.com

Silvan Menezes dos Santos

Universidade Federal do Paraná
bammenezes90@gmail.com

Doralice Lange de Souza

Universidade Federal do Paraná
doralicelange@gmail.com

Envio original: 29-11-2016. Revisões requeridas: 26-01-2017. Aceitar: 13-09-2017. Publicado: 10-01-2018.

Resumo

O objetivo deste trabalho foi o de identificar os significados da prática do Goalball para atletas da modalidade. A pesquisa foi de cunho qualitativo e exploratório e os dados foram coletados a partir de entrevistas semiestruturadas com seis atletas de diferentes perfis e provindos de diferentes equipes de Goalball. Os principais significados da prática do Goalball relatados pelos entrevistados foram: 1) o Goalball se mostra como a principal motivação na vida desses atletas; 2) promove maior socialização entre as pessoas com deficiência visual e conhecimento de novos lugares e culturas; 3) auxilia na aceitação da deficiência e na superação de preconceitos; 4) qualifica a orientação espacial e a mobilidade de pessoas com deficiência visual. Estes resultados sugerem a necessidade do fomento e difusão da modalidade não apenas como uma atividade esportiva, mas também como um meio de desenvolvimento e inclusão social da pessoa com deficiência visual.

Palavras-chave: Significado – Esporte - Deficiência Visual - Goalball.

Los significados de la práctica de Goalball desde la perspectiva de los atletas de deportes

Resumen

El objetivo de este estudio fue identificar los significados de la práctica de Goalball para los atletas de este deporte. La investigación fue cualitativa y naturaleza exploratoria y se recogieron los datos de las entrevistas semiestruturadas con seis atletas de diferentes perfiles y se deriva de los diferentes equipos de Goalball. Los principales significados de la práctica del Goalball relatados por los entrevistados fueron: 1) el Goalball se muestra como la principal motivación en la vida de esos atletas; 2) promueve una mayor socialización entre las personas con discapacidad visual y el conocimiento de nuevos lugares y culturas; 3) ayuda en la aceptación de la discapacidad y en la superación de prejuicios; 4) califica la orientación espacial y la movilidad de las personas con discapacidad visual. Estos resultados sugieren la necesidad de la promoción y difusión del deporte no sólo como un deporte sino también como un medio de desarrollo e inclusión social de las personas con discapacidad visual.

Palabras clave: Significado – Deporte - Discapacidad Visual - Goalball.

The Meanings of Goalball practice from the perspective of sport athletes

Abstract

The objective of this work was to identify the meanings of Goalball practice for athletes of the modality. The research was qualitative and exploratory and the data were collected from semi-structured interviews with six athletes of different profiles and coming from different teams of Goalball. The main meanings of Goalball practice reported by the interviewees were: 1) Goalball is shown as the main motivation in the lives of those athletes; 2) promote greater socialization among people with visual disabilities and knowledge of new places and cultures; 3) help in accepting disability and overcoming prejudices; 4) qualifies the spatial orientation and mobility of people with visual impairment. These results suggest the need to promote and disseminate the sport not only as a sporting activity, but also as a means of development and social inclusion of the visually impaired person.

Keywords: Meaning – Sport - Visual Impairment - Goalball.

Introdução

O esporte adaptado surgiu no final do século XIX nos Estados Unidos com atividades esportivas para pessoas com deficiência visual e auditiva (WINNICK, 2004). Entretanto, ele começou a ficar conhecido somente após a segunda guerra mundial como forma de reabilitação de soldados, na metade do século XX, na Inglaterra, com o neurocirurgião Ludwing Guttman (ARAÚJO, 1997).

Segundo Costa e Sousa (2004), a Inglaterra e os Estados Unidos possuíam correntes diferentes de pensamento acerca do esporte adaptado. Na Inglaterra, Guttman tinha um enfoque médico e utilizava o esporte como auxílio na reabilitação de seus pacientes, buscando amenizar também os problemas psicológicos advindos principalmente do ócio no hospital. O trabalho de reabilitação buscou no esporte não só possibilidades terapêuticas, mas também de interação social para os pacientes. Nos Estados Unidos, o esporte para pessoas com deficiência era tratado como forma de inserção social e tinha uma conotação mais competitiva do que na Inglaterra. Essas correntes acabaram se juntando no decorrer dos anos e ambas passaram a valorizar a competição (COSTA; SOUSA, 2004).

O esporte adaptado possui diversas manifestações e, entre elas, há uma vertente denominada de Esporte Paralímpico. Esta, por sua vez, é caracterizada por competições e por ter o alto rendimento como foco. Guttman iniciou as competições para pessoas com deficiência em 1948, a partir dos Jogos de Stoke Mondeville, onde *a priori* competiam somente deficientes físicos. Depois de algumas edições realizadas apenas com pacientes do hospital inglês, os Jogos passaram a receber atletas de outros países e a edição de 1960 posteriormente ficou conhecida como os primeiros Jogos Paralímpicos da história (MARQUES, 2009).

Atualmente as modalidades atendem atletas com deficiência física, mental, visual e múltipla, e os atletas podem ser classificados em 6 grupos: amputados, paralisados cerebrais, deficientes visuais, lesionados medulares, deficientes mentais e *les autres* (inclui todos os atletas com alguma deficiência de

mobilidade e que não se enquadram nos demais grupos). Ao todo, 22 modalidades¹ fazem parte do programa paralímpico: Atletismo, Basquete em cadeira de rodas, Bocha, Ciclismo, Esgrima em cadeira de rodas, Futebol de 5, Futebol de 7, Goalball, Halterofilismo, Hipismo, Judô, Natação, Paracanoagem, Remo, Rugby em cadeira de rodas, Tênis de mesa, Tênis em cadeira de rodas, Tiro com arco, Tiro Esportivo, Triatlo, Vela e Voleibol sentado.

Dentre essas modalidades, encontra-se o Goalball, que surgiu na Alemanha após a segunda guerra mundial. Ele foi criado pelo austríaco Hans Lorenzen e pelo alemão Sett Reindle, como forma de terapia para os soldados que ficaram cegos e para reintroduzi-los na sociedade. É o único esporte paralímpico que foi criado especialmente para os deficientes visuais, pois todos os outros esportes foram adaptados de esportes convencionais.

O Goalball é um esporte que não envolve contato físico e os atletas são vendados para que não haja vantagem de nenhum jogador que possua algum grau de acuidade visual. As equipes são compostas de até 6 atletas, sendo 3 titulares e 3 reservas. A quadra possui 18 metros de comprimento e 9 de largura. O objetivo do jogo é fazer gols na equipe adversária por meio de arremessos ao mesmo tempo que precisam defender o gol da sua equipe. Há uma trave com 9 metros de largura e 1,30 metros de altura que fica posicionada atrás dos atletas e delimita a área do gol. Os atletas utilizam a trave para se localizar e para preparar seus arremessos durante o jogo.

Os atletas com deficiência visual são distribuídos em três diferentes classes, são elas: B1 – que é composta por atletas cegos ou com percepção somente de luzes sem conseguir reconhecer o formato de um objeto a qualquer distância; B2 – que é a classe composta por atletas com percepção de vultos; e B3 – que são atletas que conseguem definir imagens. No Goalball, conforme mencionado anteriormente, todos os atletas podem competir juntos, pois eles utilizam vendas que previnem qualquer grau de acuidade visual.

A quadra é marcada com barbante e fita para que os atletas sintam o relevo e possam se localizar. Há locais específicos para os atletas se posicionarem e aguardarem o arremesso adversário. A bola utilizada durante o jogo possui um guizo, permitindo que os atletas se orientem através do som emitido e que assim saibam onde ela está. A bola arremessada deve ser rasteira ou tocar em pontos específicos da quadra antes de chegar na equipe adversária, caso isso não ocorra, é cobrada uma penalidade. É um jogo dinâmico de defesas e arremessos, em que os atletas podem passar a bola para seus companheiros de equipe antes de realizarem o arremesso ofensivo, e a cada lance as equipes dispõem de dez segundos para realizar o arremesso, caso contrário, precisam defender uma penalidade.

¹ Essas modalidades fizeram parte do programa dos Jogos Paralímpicos Rio 2016. A próxima edição que será realizada em Tokyo 2020, terá a exclusão do Futebol de 7 e da Vela de seu programa, e a inclusão do Badminton e do Taekwondo.

Em 1982, a *International Blind Sports Federation* (IBSA)² começou a gerenciar o Goalball. A modalidade foi implementada no Brasil em 1985 com o Clube de Apoio ao Deficiente Visual (CADEVI), na cidade de São Paulo, por intermédio do professor Steven Dubner. O primeiro Campeonato Brasileiro foi disputado em 1987, na cidade de Uberlândia-MG (SILVA; ALMEIDA; ANTÉRIO, 2015).

Hoje em dia o Goalball é gerenciado no Brasil pela Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais (CBDV), que gerencia também o Futebol de 5 e o Judô. A CBDV é responsável pela organização dos campeonatos regionais de Goalball e pelo Campeonato Brasileiro de Goalball, evento em que só participam as equipes vencedoras das etapas regionais. Internacionalmente, o Goalball ainda é gerenciado pela *International Blind Sports Federation* (IBSA), responsável pela organização do Campeonato Mundial de Goalball, realizado anualmente. Esta instituição é também responsável pela organização da modalidade nos Jogos Paralímpicos e Parapan-americanos.

Embora haja alguns trabalhos que discutam os benefícios e significados da prática da atividade física adaptada, como por exemplo: Santos (2004); Gorgatti *et al.* (2008); Gomes, Morato e Almeida (2011); Pereira (2013); Sousa (2014), há poucos estudos sobre os benefícios do esporte adaptado para pessoas com deficiência visual. No caso do Goalball em específico, localizamos apenas quatro trabalhos em língua portuguesa sobre esta temática: Amorim *et al.* (2010), realizaram uma revisão sobre diferentes aspectos que englobam a modalidade, tais como as capacidades físicas exigidas para a prática, o modo de desenvolvimento do jogo e os benefícios que a prática da modalidade pode proporcionar; Sherer, Rodrigues e Fernandes (2011), investigaram a contribuição do Goalball na orientação e na mobilidade de pessoas com deficiência visual a partir da perspectiva de atletas da modalidade; Oliveira *et al.* (2013), averiguaram a percepção de atletas de Goalball sobre os benefícios da modalidade; Silva, Almeida e Antério (2015) analisaram a comunicação corporal de pessoas com deficiência visual durante o jogo de Goalball. Para fins deste trabalho, buscamos apenas estudos na literatura nacional.

Diante da escassez da literatura sobre a temática, o objetivo deste trabalho foi o de identificar os significados da prática do Goalball para atletas da modalidade. Mais especificamente, exploramos, a partir de uma abordagem qualitativa, os pontos de vista de 6 atletas de diferentes equipes. Embora os resultados de um estudo com apenas seis participantes não possam ser generalizados, eles podem trazer elementos para que possamos entender melhor os possíveis significados desta modalidade na vida de pessoas com deficiência visual. Isto, conseqüentemente, pode gerar subsídios para o desenvolvimento e fomento deste esporte e para o trabalho de profissionais da área.

² Federação Internacional de Esportes para Cegos.

Metodologia

O presente trabalho foi de cunho descritivo e exploratório. Utilizamos uma abordagem qualitativa, pois esse tipo de abordagem permite averiguar em detalhes e em profundidade o fenômeno pesquisado.

Entrevistamos seis atletas com deficiência visual de diferentes equipes. Os critérios de inclusão dos interlocutores da pesquisa foram: os atletas deveriam estar filiados à uma entidade esportiva, estar treinando sistematicamente em alguma das categorias esportivas, e concordar voluntariamente em participar da pesquisa. Escolhemos o critério de variação máxima para definir os participantes da pesquisa. Ou seja, pegamos homens e mulheres de diferentes idades, cidades e tempo de prática da modalidade. Este critério nos permitiu compilar diferentes possibilidades de significados da prática da modalidade na vida dos atletas. Realizamos as entrevistas durante a Copa Brasil de Goalball 2015 na cidade de Curitiba – PR, pois era uma competição de nível nacional que possibilitou acesso à atletas de diferentes regiões do país.

Utilizamos a entrevista semiestruturada para a coleta de dados, uma vez que esta permite um aprofundamento das informações coletadas e permite o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e de temas complexos. O roteiro de entrevista abordou temas como a trajetória esportiva dos atletas, a motivação para iniciação e manutenção no esporte, o impacto do Goalball em suas vidas e as perspectivas futuras quanto à modalidade. As entrevistas duraram em média 20 minutos. Para a execução da pesquisa foi utilizado um gravador, permitindo que as gravações fossem transcritas e sistematizadas. Após a coleta, realizamos uma análise do conteúdo dos dados obtidos nas entrevistas em conjunto com uma revisão de literatura não sistemática relacionada ao tema da pesquisa. A análise dos dados foi realizada sem um referencial metodológico específico.

Caracterização dos participantes da pesquisa

Atribuímos pseudônimos para os sujeitos participantes da pesquisa, com a finalidade de preservar suas verdadeiras identidades.

A participante número um foi chamada de Ana. Ela possui 49 anos de idade e pratica o esporte há 25 anos. Ela não possui acuidade visual, ou seja, é cega, sendo classificada como B1. A praticante adquiriu a deficiência ao nascer, devido a uma doença denominada glaucoma. A Ana possui especialização na área da educação e trabalha como revisora braille e reside em uma capital da região Centro-Oeste. A atleta está vinculada à equipe Lar das Moças Cegas (LMC) da cidade de Santos – SP e recebe uma ajuda de custo mensal da sua equipe.

A participante dois foi identificada como Carla. Ela é do sexo feminino, possui 39 anos de idade e pratica o esporte há 20 anos. Carla também não possui acuidade visual, sendo classificada como B1. A praticante adquiriu a deficiência ao nascer também devido a glaucoma. Ela é funcionária da Polícia Cível, reside em uma capital do Sudeste e está vinculada à equipe SESI da cidade de Mogi das Cruzes – SP. A atleta faz parte da seleção brasileira de Goalball há 12 anos e recebe bolsa atleta e salário fixo para treinar.

O participante três foi renomeado como Paulo. Ele é do sexo masculino, possui 37 anos de idade e pratica o esporte há 14 anos. Paulo não possui acuidade visual, sendo classificado como B1. O atleta adquiriu a deficiência em decorrência de um acidente automobilístico há 17 anos. Paulo possui pós-graduação em Educação Especial, atualmente é pedagogo aposentado e reside no interior do Paraná. O atleta está vinculado à equipe Associação Colombense de Deficientes Visuais (ACDEV) da cidade de Colombo – PR e não recebe apoio financeiro para praticar a modalidade.

O participante quatro foi renomeado como Pedro. Ele é do sexo masculino, possui 36 anos de idade e pratica o Goalball há 16 anos. O atleta não possui acuidade visual, sendo classificado como B1. Pedro adquiriu a deficiência ao longo da vida em decorrência de um deslocamento de retina e do glaucoma. Como profissão, o entrevistado indicou ser atleta (sua única fonte de renda são os patrocínios recebidos para manter a periodicidade no treinamento esportivo), reside no interior do Rio de Janeiro e está vinculado à equipe ACDEV de Colombo – PR. Quinzenalmente ou mensalmente o atleta se desloca de Nova Iguaçu para Colombo para participar dos treinamentos junto com sua equipe. Pedro fez parte da seleção brasileira de Goalball por 10 anos e hoje recebe patrocínio para treinar.

O participante cinco foi denominado como Cauê. Ele é do sexo masculino, possui 20 anos de idade e pratica o Goalball há 6 anos. Possui acuidade visual de 2/60 a 6/60, sendo classificado como B3. Como profissão, o entrevistado indicou ser atleta (sua única fonte de renda é o salário recebido de seu clube para manter a periodicidade no treinamento esportivo), reside no interior de São Paulo e está vinculado à equipe SESI da cidade de Mogi das Cruzes – SP. Cauê adquiriu a deficiência ao nascer. O atleta fez parte da seleção juvenil por 2 anos e atualmente integra a seleção adulta.

A participante seis foi chamada de Aline. Ela é do sexo feminino, possui 14 anos de idade e pratica o Goalball há um ano e nove meses. A atleta possui acuidade visual de 2/60 a 6/60, sendo classificada como B3. Aline é estudante, reside no interior de Minas Gerais e está vinculada à equipe ADUC da cidade de Uberaba – MG. Ela adquiriu a deficiência aos dois anos de idade devido à toxoplasmose.

Resultados e discussão

“Goalball é vida!”

Os participantes do estudo atribuíram diferentes significados para a prática do Goalball, mas todos, sem exceção, declararam que o mesmo é sinônimo de vida e define, em grande parte, quem eles são.

“É assim... às vezes você pensa assim ‘eu vou viajar esse final de semana’, não, não posso porque eu tenho treino. Eu vou ter um filho, não, não posso. Porque se eu tiver um filho agora eu vou ter que abrir mão do meu projeto [integrar a seleção brasileira]. Então, eu vou, é... é difícil pra mim explicar o que o Goalball representa, eu acho que a palavra é essa [vida] porque como eu te falei, os aprendizados que eu tive no Goalball, pra eu ser a jogadora que eu sou hoje... é Goalball! E é vida, entendeu? É Goalball e sou eu! É história, o Goalball é minha história, é minha trajetória, é um pedaço de mim” (Carla).

“É... é o meu prazer, o meu lazer, é... a minha saúde. Tudo eu devo ao Goalball. Se eu parar o Goalball, minha vida para. [...]. É o meu lazer, é a minha alegria, é a minha satisfação, é tudo!” (Ana).

É possível visualizar nas falas supracitadas a importância que a modalidade tem na vida dessas atletas. Além de trazer alegria e satisfação, o Goalball é um aspecto motivador na vida de Ana e, para Carla, o Goalball interfere em decisões pessoais importantes como uma viagem de férias ou a decisão de ter um filho. Isso demonstra que, pelo menos para essas atletas, essa modalidade não se trata apenas de uma atividade esportiva praticada por lazer, mas de um elemento primordial em suas vidas. No estudo de Pereira et al. (2013) sobre a importância do esporte na inclusão social de pessoas com deficiência visual, os depoimentos dos atletas entrevistados apontaram a prática do esporte como o fator primordial para a motivação e realização de suas metas.

A prática do Goalball também pode ser determinante na alteração do estado psicológico e para uma mudança na perspectiva de vida de pessoas que adquiriram a deficiência visual, como relata Aline, a seguir:

“Quando eu fiquei com 10% de visão minha mãe me colocou no Goalball, porque eu estava entrando em depressão. Aí depois eu entrei no Goalball e comecei a jogar e melhorou [...]. O Goalball pra mim agora é vida. A maior parte do meu dia eu passo treinando. Então eu vivo a minha vida jogando Goalball” (Aline).

Para a entrevistada Aline, o Goalball serviu como um meio para afastar-se da depressão que a mesma começou a enfrentar pelo fato de estar perdendo a visão. Segundo ela, o esporte trouxe felicidade para si e agora o Goalball é algo inerente à sua vida, pois ela passa a maior parte do seu dia se dedicando à modalidade. Oliveira et al. (2013) investigaram a percepção de atletas de Goalball sobre o

seu estado de humor antes e após o ingresso na modalidade, e os resultados encontrados revelaram que antes da inserção no Goalball a maioria dos atletas se sentiam tristes, depressivos e excluídos, e após essa inserção, todos os atletas relataram se sentirem mais felizes. Isso indica que a modalidade também pode servir como meio de reabilitação psicológica para pessoas que adquiriram a deficiência visual recentemente e encontram-se em depressão, pois a prática dessa modalidade demonstra proporcionar prazer e alegria aos seus praticantes.

Assim como pudemos ver na fala de Aline, ao analisar o efeito da atividade física sobre os níveis de depressão de pessoas com cegueira adquirida, Ribeiro (2003) constatou que a atividade física exerceu um efeito significativo nas questões emocionais dos participantes da sua pesquisa. O autor verificou ainda que a prática de atividade física não só melhorou os níveis de depressão, como também elevou a autoestima desses participantes.

No caso dos atletas entrevistados, a centralidade do esporte na vida deles se manifesta de diversas maneiras. Para Carla, o Goalball lhe ensina lições preciosas e faz parte de sua trajetória e história de vida. Ana afirma que a prática da modalidade significa o modo dela se sentir saudável, inclusive da perspectiva de continuidade para a vida, de ter prazer em viver, sentir alegria e satisfação. Não diferente, para Aline a prática da modalidade é o elemento principal que compõe o cotidiano dela. Conhecer a modalidade ajudou Aline a não entrar em depressão quando teve a sua visão reduzida.

No caso de nossa pesquisa, constatamos que a prática do Goalball pode compor a vida dos atletas como projeto de vida, como uma terapia e como meio para solução de alguns problemas emocionais. Ou seja, para os atletas com deficiência visual que participaram do nosso estudo a prática do Goalball pode significar início, meio e até fim das suas vidas, resumindo-se como um fenômeno integral das suas próprias existências.

“Socialização e Viagens”

Outro significado que obteve grande destaque na fala dos atletas foi a socialização e as viagens que a prática do Goalball pode proporcionar, como é possível observar nos relatos a seguir:

“Gosto das pessoas que eu encontro lá, das amizades que eu fiz, e através do Goalball eu conheci várias cidades no Brasil e sem ele não teria conhecido e também conheci muitas pessoas que se eu não tivesse no Goalball não teria conhecido. E o fato da gente viajar sempre, né? Sair, encontrar pessoas diferentes, isso é interessante, porque se acabar só ficando em casa, você vai se isolando, vai acabar entrando em depressão e a vida para” (Ana).

“É... a socialização de conhecer uma galerinha legal, de conhecer outros locais né, que a gente viaja aí, um ano aqui a Copa Brasil o outro é lá, e assim vai pelo Brasil afora.” (Paulo).

O esporte para pessoas com deficiência é uma ferramenta favorável à melhora na socialização, pois a convivência diária com atletas e técnicos, e as viagens realizadas para competições, possibilitam a interação social e a possibilidade de criar novos vínculos de amizade (LABRONICI, 2000; OLIVEIRA *et al.*, 2013). Na fala de Ana, é possível visualizar a importância do Goalball para a sua socialização, pois se não fosse pelo esporte, ela provavelmente não sairia muito de casa.

Além de ajudar na socialização dos atletas, no caso do desportista abaixo, o Goalball também o ajudou a melhorar a sua comunicação com outras pessoas:

“Ah acho que o que melhorou bastante foi a minha comunicação né, que me ajudou bastante. Fiquei mais solto pra conversar com todo mundo, não sou mais tímido, né?” (Cauê).

A iniciação à uma modalidade esportiva proporciona o convívio com outros deficientes visuais e a possibilidade de estabelecer novas amizades, a partir da confraternização com outras equipes em eventos competitivos. As competições esportivas são um local de disputas entre equipes, de socialização e de conhecimento de novas cidades e culturas. Elas possuem, portanto, um significado polissêmico.

Segundo Pereira *et al.* (2013: 101): “A prática esportiva contribui para a sociabilização da pessoa com deficiência na medida em que facilita a comunicação, a realização pessoal, a auto-imagem, o auto-conceito e a autonomia”. No caso do atleta Cauê, a prática do Goalball melhorou a sua comunicação com as pessoas a sua volta, afastando a timidez que era um empecilho para sua socialização. A convivência com novos grupos sociais tende a amenizar a questão da timidez e a fazer com que as pessoas melhorem sua relação interpessoal, possibilitando que as pessoas com deficiência visual que por vezes são excluídas do convívio social, consigam se relacionar com mais facilidade com outras pessoas (PEREIRA *et al.*, 2013).

Nas falas dos atletas Ana e Paulo, pode-se identificar a maneira como o esporte possibilitou a socialização desses atletas por meio de novos círculos de amizades, e oportunizou o conhecimento de novas cidades em virtude das viagens proporcionadas pelo esporte. Santos (2004) aponta a socialização como um significado relevante para a prática esportiva de pessoas com deficiência. Ao se envolverem com algum esporte, os atletas podem fazer amigos e sair mais de casa, o que pode melhorar a sua convivência social.

“Auto-superação e superação de preconceitos”

Os atletas Cauê e Aline foram os únicos entrevistados que possuíam alguma acuidade visual. Mesmo sendo pessoas com deficiência visual, não se consideravam parte desse grupo, pois enxergavam somente as limitações que uma pessoa com deficiência poderia ter, e não queriam ser vistos pela sociedade como uma pessoa que possui limitações. Porém, ao se inserirem na modalidade, começaram a perceber as potencialidades não só das outras pessoas com deficiência visual, mas também de si mesmos.

A fala a seguir demonstra a alegria de uma das entrevistadas ao observar o que os atletas com deficiência visual podiam realizar e de vislumbrar que ela também poderia tornar-se uma desportista, superando algumas das dificuldades que normalmente pessoas com deficiência visual enfrentam:

“Ah foi uma experiência muito boa, porque eu pude perceber que mesmo com deficiência visual eu posso praticar algum esporte. [...] O que me motivou foi ver os atletas jogando. A esperteza, a inteligência dentro de quadra dos deficientes visuais”
(Aline).

Indivíduos que não tem contato direto com pessoas com deficiência podem ter uma imagem formada dessas pessoas, porém essa imagem nem sempre corresponde à realidade. Essa imagem, ou identidade social virtual, pode ser denominada de estigma, que é uma identidade criada e reproduzida socialmente. O estigma, segundo Goffman (2008), é uma marca ou atributo depreciativo que acaba definindo e identificando determinados grupos sociais. No caso deste estudo, de acordo com a fala de alguns entrevistados, o grupo de pessoas com deficiência visual carrega uma marca de incapazes, como é possível observar na fala anterior de Aline ao relatar surpresa em constatar que seria possível praticar um esporte mesmo com deficiência visual.

O caso da atleta Aline revela também uma dificuldade de auto percepção dela própria como sendo parte do grupo de pessoas com deficiência. A possibilidade de conhecer e de, conseqüentemente, se informar sobre a prática esportiva por atletas com deficiência visual foi a chave para o início do processo de se auto perceber como parte daquele grupo. Este dado se associa com a ideia de Goffman (2008) de que o tipo de informação acessada pelo sujeito estigmatizado é fundamental para o modo como se manipula o estigma e para a identificação pessoal do próprio eu. Como afirma o autor:

Assim, as pessoas que têm dificuldades auditivas não se veem absolutamente como pessoas surdas, e as que têm deficiência de visão não se consideram, de maneira alguma, cegas. É em sua associação com, ou separação de, seus companheiros mais visivelmente estigmatizados, que a oscilação da identificação do indivíduo é mais fortemente marcada (GOFFMAN, 2008, p. 102).

O atleta Cauê relatou que teve um pouco de resistência para conhecer o Goalball, uma vez que este esporte foi exclusivamente criado para deficientes visuais, e ele não se via como parte deste grupo. De acordo com Cauê, a sua motivação para iniciar a prática esportiva foi ver a força de vontade dos atletas, que demonstraram que a deficiência visual não era um empecilho para praticar um esporte:

“O que mais me motivou? Foi a força de vontade que eu vi dos meus companheiros deficientes visuais, que mesmo sendo cego e tendo força de vontade, isso foi me motivando na prática do esporte né, e foi se encantando em mim” (Cauê).

O preconceito é algo que está impregnado na sociedade e o estigma de que as pessoas com deficiência são incapazes de realizar atividades simples como praticar um esporte está presente até mesmo entre as próprias pessoas com deficiência. Segundo Rechineli, Porto e Moreira (2008), há muitos séculos, os corpos deficientes são renegados, estigmatizados e inferiorizados. Eles necessitam de oportunidades de participação para mostrarem suas capacidades e eficiência, e o esporte para a pessoa com deficiência pode servir para proporcionar essas oportunidades. A prática esportiva para pessoas com deficiência demorou a se efetivar. Porém, hoje ela se apresenta como um meio para a aceitação e reconhecimento social destas pessoas (MORATO, 2011).

Santos (2004) analisou as entrevistas de 53 cegos congênitos praticantes de algum esporte e concluiu que uma forma de superar os estigmas por parte do grupo investigado é praticando algum esporte para, assim, mostrar suas capacidades e consequentemente ter uma aceitação social. No caso de nossos entrevistados, estes demonstraram que eles próprios tinham preconceitos relacionados com pessoas com deficiência visual. Após se inserirem no Goalball, puderam perceber as capacidades dos deficientes visuais e se aceitar como parte desse grupo.

“Orientação e mobilidade”

Os entrevistados falaram também sobre os benefícios físicos e psicológicos advindos do Goalball. De acordo com eles, a prática do Goalball promove aspectos como a melhora da concentração, do raciocínio, da audição e da noção espacial.

“Desperta aí o raciocínio lógico, porque você, não é só pegar uma bola e arremessar, você tem que pensar... Se eu tô batendo 10 bolas ali naquela paralela e não tá passando, eu tenho que bater em outro lugar, eu tenho que me movimentar. Então assim, não é só força e queda, tem que pensar também” (Paulo).

“Ah primeiro como cego, me deu, como posso dizer assim, uma concentração maior, uma noção espacial melhor pra andar na rua” (Pedro).

“Você desenvolve a sua orientação espacial, você desenvolve o seu tato. Então eu ando melhor na rua por jogar Goalball, eu me desloco melhor num ambiente por jogar Goalball” (Carla).

Para Carla e Pedro o Goalball proporcionou uma melhora na orientação e mobilidade, trazendo mais independência nas tarefas diárias e na locomoção por todos os ambientes. Santos (2004), indo ao encontro desses dados, constatou que o esporte contribui para com o desenvolvimento das capacidades físicas da pessoa com deficiência visual, fazendo com que ela se locomova e se oriente melhor, além de melhorar seus estímulos sensoriais mais utilizados, o tato e a audição. O atleta Paulo, por sua vez, enfatiza ainda que o Goalball exige dos atletas concentração e raciocínio lógico para a prática.

Sherer, Rodrigues e Fernandes (2011) realizaram um estudo com 79 atletas para identificar a contribuição do Goalball na orientação e mobilidade dos mesmos e verificaram que o Goalball pode gerar benefícios tais como o desenvolvimento do esquema sensorial e motor, melhorias na concentração e independência e em aspectos como agilidade, noção espacial, lateralidade e mobilidade. Para Amorim *et al.* (2010), o Goalball promove benefícios como a melhora na orientação espacial e na percepção auditiva, contribuindo para com um aprimoramento da qualidade de vida das pessoas com deficiência visual.

Os atletas entrevistados evidenciaram o papel do esporte, e mais especificamente do Goalball, para o desenvolvimento de sentidos como o tato e a audição e também que isso implica em uma melhora na orientação e mobilidade. Além disso, assim como aponta Pereira *et al.* (2013), a prática esportiva torna as pessoas com deficiência visual mais independentes, pois faz com que eles se orientem e se movimentem com mais facilidade no cotidiano. Esse é um dado significativo para essa população, dado que as pessoas com deficiência visual possuem certa dificuldade para se locomoverem de forma independente em consequência da ausência de visão e dos problemas de acessibilidade que assolam a engenharia urbana da maioria das cidades brasileiras.

Os dados identificados nesta categoria de significados atribuídos à prática do Goalball revelam a contribuição que o esporte pode dar para a superação dos modos de se compreender as deficiências na sociedade, tanto da perspectiva biomédica, como da perspectiva social. Conforme apresenta Coakley (2009), a deficiência pode ser compreendida em dois modelos: o modelo médico, que entende a deficiência como uma patologia ou disfunção corpórea, devendo ser tratada a partir do indivíduo, com medicamentos e tratamentos terapêuticos, personificando assim a deficiência; e o modelo social, que sem descartar as questões biomédicas posiciona a deficiência como consequência do modo de organização, da estruturação e da percepção da sociedade, compreendendo assim que as limitações e comprometimentos físicos e sensoriais são advindos, em grande parte, pelos problemas de

acessibilidade e dos preconceitos existentes no contexto social. Com o cuidado de não reproduzir aqui o discurso salvacionista do esporte como meio e ferramenta de solução de todos os problemas sociais, no contexto dos dados apresentados nesta seção do trabalho podemos identifica-lo tanto como uma possibilidade de prática corporal que contribui para amenizar as limitações físicas e sensoriais dos praticantes do ponto de vista individual, e também como uma prática que fornece condições para que estes mesmos praticantes desenvolvam capacidades psicossociais para uma melhor inclusão e participação no cotidiano social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns atletas estão tão envolvidos com a modalidade que consideram o esporte como algo indissociável de suas vidas. Seja por atuarem em um nível profissional e dedicarem muitas horas do seu dia aos treinamentos ou simplesmente por sentirem prazer ao praticar o Goalball, eles se doam ilimitadamente para continuarem treinando e competindo ano após ano.

Os resultados que identificamos sobre o significado da prática do Goalball para os participantes do estudo são basicamente positivos e benéficos. Um desses significados benéficos é a socialização proporcionada pelo convívio com outros atletas e as viagens para as competições da modalidade, onde os mesmos têm a possibilidade de conhecer novos lugares e culturas. Outros benefícios do Goalball, principalmente para os atletas sem nenhuma acuidade visual, são a aquisição de independência e o desenvolvimento da agilidade para se locomover e se orientar. Pelo fato do Goalball ser um esporte que utiliza predominantemente a audição e o tato para sua execução, os atletas conseguem praticá-lo sem a necessidade de auxílio, o que proporciona a conquista de independência no esporte, e consequentemente no cotidiano desses atletas.

Apesar do significado eminentemente positivo da prática do Goalball, em algumas passagens das entrevistas evidenciaram-se elementos problemáticos desta prática para os atletas, que pelo fato de não estarem diretamente relacionados ao objetivo geral do estudo não os configuramos como categorias do significado da prática. Dois destes elementos foram: i) alguns entrevistados falaram da falta de apoio financeiro, pois em alguns casos eles tem que colocar recursos próprios para se manterem no esporte e para irem às competições; ii) alguns atletas também mencionaram a questão da idade, que ao estarem em uma faixa etária mais avançada eles não tem a mesma forma física e acabam ficando no banco de reservas das equipes, o que para eles torna-se um aspecto negativo para manter-se como praticante da modalidade.

A partir dos achados do estudo, diante da significância benéfica que a prática do Goalball se apresentou para os participantes da pesquisa, indicamos assim a necessidade de mais investimentos, fomento e difusão da modalidade não apenas como uma atividade esportiva, mas também como um meio de desenvolvimento e inclusão social da pessoa com deficiência visual. Sem desprezarmos os cuidados para não se reproduzir o discurso salvacionista e evangelizador do esporte como eldorado social, o desenvolvimento de políticas públicas para o incentivo à prática do Goalball, priorizando a sua dimensão educacional e a dimensão do esporte de participação para o lazer, não enfocando somente na dimensão do alto rendimento, pode ser uma forma de difundir a referida modalidade permitindo que ela passe a ser o sentido da vida de mais pessoas com deficiência visual. Além disso, esta pode ser também uma forma de promover socialização e oportunidade de ampliação do repertório cultural para estas pessoas, um modo de contribuir para a percepção e auto percepção da identidade individual e social delas, assim como fornecer subsídios físicos e sensoriais para melhoria da qualidade de vida deste grupo social.

Os resultados deste estudo não podem ser generalizados, pois trata-se de uma investigação com um grupo de atletas específico e reduzido. Além disso, encontramos algumas limitações em nosso estudo que podem ser exploradas em futuras pesquisas com outros grupos de atletas, tais como: os aspectos negativos que a prática do Goalball pode apresentar; como é a vida dos atletas que recebem bolsa e vivem exclusivamente da modalidade; como é o deslocamento de suas casas até o local de treinamento (existe acessibilidade?); e quais as dificuldades enfrentadas para se manterem no esporte. Nesse sentido, os resultados deste estudo revelam a necessidade de serem desenvolvidas novas pesquisas que abram espaço para se dar voz aos atletas com deficiência de modo a sistematizar as carências, demandas e virtudes deste grupo social, como forma de gerar subsídios para o desenvolvimento de políticas públicas e ações educativas voltadas ao esporte e às práticas corporais adaptadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, M. *et al.* (2010). Goalball: uma modalidade desportiva de competição. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Portugal, v. 10, n. 1, p. 221-229.
- ARAÚJO, P. (1997). **Desporto Adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade**. Tese de Doutorado em Educação Física. Campinas, UNICAMP.
- COAKLEY, J. Age and Ability: Barriers to participation and inclusion? In: **Sports in Society: Issues and Controversies**. 11. ed. New York: Mc Graw Hill Education, 2009. p. 302–349.

- COSTA, A.; SOUSA, S. (2004). Educação Física e Esporte Adaptado: História, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/ inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42.
- GOMES, M.; MORATO, M.; ALMEIDA, J. (2011). Judô paralímpico: Comparações e reflexões sobre as realidades de diferentes seleções femininas. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 9, n. 2, p. 85-109.
- GOFFMAN, E. (2008). **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4º Ed. Rio de Janeiro.
- GORGATTI, M. *et al.* (2008). Tendências competitivas de atletas no esporte adaptado. **Arquivos Sanny de Pesquisa em Saúde**, Londrina, v.1, n.1, p. 18-25.
- LABRONICI, R. H. D. D. *et al.* (2000). Esporte como fator de integração do deficiente físico na sociedade. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, v. 58, n. 4, p. 1092-1099.
- MARQUES, R. F. R. *et al.* (2009). Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 4, p. 365-77.
- MORATO, M. *et al.* (2011). A mediação cultural no futebol para cegos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 04, p. 45-63.
- OLIVEIRA, C. H. S. *et al.* (2013). O goalball como possibilidade de inclusão social de pessoas com deficiência visual. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 1-319.
- PEREIRA, Ramon *et al.* (2013). A importância do desporto de alto rendimento na inclusão social dos cegos: Um estudo centrado no Instituto Benjamin Constant-Brasil. **Motricidade**, v. 9, n. 2, p. 95-106.
- RECHINELI, A.; PORTO, E.; MOREIRA, W. (2008). Corpos deficientes, eficientes e diferentes: Uma visão a partir da educação física. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.14, n.2, p.293-310.
- REIS, R. (2014). **Políticas públicas para o esporte paralímpico brasileiro**. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Curitiba, UFPR.
- RIBEIRO, E. P. (2003). **A influência da actividade física nos níveis de depressão e ansiedade dos portadores de cegueira adquirida**. Dissertação de Mestrado em Ciências do Desporto. Portugal, U. Porto.
- SANTOS, A. (2004). **Representação social de esportes sob a ótica de pessoas cegas**. Tese de Doutorado em Educação. Salvador, UFBA.
- SILVA, P.; ALMEIDA, J.; ANTÉRIO, D. (2015). A comunicação corporal no jogo de goalball. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 25-40.

- SOUSA, A. (2014). **A experiência vivida de atletas paralímpicos: narrativas do desporto paralímpico português**. Tese de Doutorado em Ciências do Desporto. Portugal, U. Porto.
- SHERER, R.; RODRIGUES, L.; FERNANDES, L. (2011). Contribuição do goalball para a orientação e mobilidade sob a percepção dos atletas de goalball. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 3, p.1-15.
- WINNICK, J. **Educação Física e Esporte Adaptado**. Trad. Fernando Augusto Lopes. São Paulo: Manole.